

OS HERÓIS ANÔNIMOS DA 5ª SÉRIE



Um Livro de Josias Pereira

Editora Rubra Cinematográfica

OS HERÓIS ANÔNIMOS DA 5ª SÉRIE

Escrito por Josias Pereira

Revisão – Eliane Candido

ISBN - 978-65-87148-16-8

Editora: Rubra Cognitiva

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios — tangíveis ou intangíveis —

sem o

consentimento escrito dos autores.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº.

9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Cruz das Almas/Bahia – 2024

Sumário

Os Heróis Anônimos da 5ª Série	3
O Podcast	7
O Bom de Bola	11
O Puxa-saco	16
O Ricardão.....	21
Loira Burra	26
Joãozinho – A Lenda	32
Barbie	40
Mário! Que Mário?	47
O Tribufu	54
A Romântica	60
O Macumbeiro, a Crente e o Padreco.....	67

Os Heróis Anônimos da 5ª Série

O som suave de uma melodia nostálgica preenche o ambiente enquanto Rômulo adentra a sala do estúdio. Ele desliza pela porta, com um sorriso brincalhão nos lábios, e caminha em direção ao seu lugar habitual. A luz suave do estúdio destaca seus traços joviais, à medida que se acomoda na cadeira, ajustando o microfone à sua frente com destreza.

Com um gesto rápido, Rômulo coça levemente a cabeça, um movimento quase instintivo que o transporta instantaneamente aos tempos de infância. Um breve lampejo de lembranças atravessa seus olhos, fazendo-o sorrir com nostalgia. (Será piolho? De novo não!). E então, com a postura firme de quem está pronto para contar uma história, ele se prepara para iniciar sua fala. O olhar determinado e o tom de voz confiante revelam que ele está prestes a encontrar e desvendar histórias do passado.

À frente do microfone, Rômulo faz um sinal convidativo para a entrada de sua amiga e coapresentadora, Fabiana. Com um sorriso radiante, ela adentra o estúdio e senta ao lado de Rômulo. Ele organiza alguns papéis sobre a mesa, ajusta o microfone mais uma vez e, com um olhar cúmplice para Fabi, faz um sinal para iniciar a gravação do podcast. Rômulo inspira profundamente, deixando o silêncio tomar conta por um breve momento. Então, com uma voz firme e nostálgica, ele começa:

Rômulo: – Estamos entrando em um mundo diferenciado, os incríveis anos 80 e 90, onde crianças andavam nos carros sem cadeirinha, a vacina era obrigatória e o bullying só existia na prática,

não na teoria. Jogar bola descalço, chutar o chão e depois usar um pano sujo para estancar o sangue que jorrava, era algo corriqueiro no universo desses jovens. Andar no Fusca, na parte de trás, sem o cinto de segurança e brigando com os colegas era tão normal que ninguém reclamava. Esses jovens viveram em um mundo onde o que hoje é considerado errado, naquele tempo era aceito como certo. Eles desbravaram um mundo novo que nem as leis conheciam direito. Era uma época de escassez, onde, como ninguém tinha nada, todos se contentavam com o pouco que tinham, mas sempre havia as brincadeiras e piadas que hoje poderiam resultar em processos judiciais para seus criadores.

Fabiana e Rômulo se entreolharam, e ele prosseguiu:

Rômulo: – E tudo isso começava no período da quinta série, que ficou no imaginário popular como a série da mudança. Sei que tivemos mudanças na legislação e agora a quinta série seria o sexto ano do ensino fundamental. Mas a antiga quinta série, que este **livro** retrata, é justamente uma época em que a única lei era **SOBREVIVER** ao terror que poderia ser uma escola pública de periferia. E o nosso podcast tem esse objetivo: resgatar esses valorosos alunos que não foram compreendidos na época de escola, e os apelidos e tramas que viveram os ajudaram, ou não, a ser quem eles são hoje. Por isso, nesta semana, nosso podcast vai receber eles, os heróis anônimos da quinta série! Aqui você vai entender o motivo de seu tio ser como é, de sua mãe ser como é e do seu pai agir de certa forma. Eles, esses heróis anônimos que passaram pela quinta série dos anos 80 e 90, serão resgatados por nós aqui no podcast "**Anos 80: O Impacto Oculto**".

Uma música introdutória faz a pausa para Rômulo, o nosso locutor, voltar à ativa e se ajeitar na cadeira, coçando um pouco a

cabeça, o que o faz lembrar, de novo, do tempo dos piolhos. Naquela época, as mães, para economizar com o remédio que era caro e fedia muito, simplesmente raspavam a cabeça das crianças ou colocavam um lenço com o remédio, fazendo a criança passar o dia fedendo e com dor de cabeça, já que o remédio matava os piolhos e um pouco a gente também.

Do lado de Rômulo temos Fabiana, sua amiga de escola que hoje apresenta o podcast com ele. Conhecida como Fabi, ela apenas olha para seu amigo, ainda se recuperando do espreguiçamento que deu e tentando se ajeitar. Diferente do rádio das décadas de 80 e 90, o podcast tem imagem, e assim a postura do entrevistador é tão importante quanto a do entrevistado.

Rômulo é um negro retinto, alto, magro e considerado bonito. Cuida do corpo e, nas horas vagas, é coach e advogado, que é a parte chata da vida dele, mas o que o sustenta financeiramente para poder fazer o que mais gosta: ouvir histórias antigas sobre como era a escola dos anos 80 para os alunos e como nossa sociedade mudou. Rômulo se declara advogado democrata, pois defende que todos somos iguais e deveríamos ter os mesmos direitos, e não como nossas leis que na escrita é considerada muito boa e perfeita, mas na prática sempre defende um lado da sociedade que não vai para a periferia.

Já Fabiana é uma mulher feminista e estuda como a sociedade pode ser boa para quem é bom. Se autodeclara mentora do pensamento positivo e reza pela humanidade. De profissão, é psicóloga e atua com crianças que sofreram bullying e ações nas escolas. Ela se declara negra, mas é parda de cabelo liso, fruto da mistura do pai negro com a mãe branca. Sua aparência reflete o colorismo do Brasil, tudo misturado: o pai negro tem um avô índio, e o cabelo dela é dos índios,

enquanto a pele é uma mescla do pai e da mãe, e os traços faciais vêm da mãe, com uma beleza tipicamente brasileira. Seus olhos meio verdes a fazem parecer exótica, algo que ela odeia, pois queria ser como suas primas negras retintas, com cabelão afro que ela ama e defende.

Bem, depois de apresentar nossos personagens de forma indireta, vamos ao programa em si! A chamada de abertura do programa termina com a imagem dos dois caminhando, a porta do estúdio se abrindo e eles participando de vários debates com diversos entrevistados. Com o fim da abertura, Rômulo inicia a apresentação em áudio e vídeo para seu público.

Antes que você, leitor curioso, pergunte: sim, o programa deles é uma febre na internet e cada vídeo geralmente tem em média mais de 800 mil visualizações nos primeiros dias. A comunidade dos anos 80 e 90 adora eles, pois relembram fatos dessa época. Os dois são jovens que ainda não chegaram aos 30 anos, mas em homenagem a seus pais, eles amam essa época mesmo sem tê-la vivido.

O Podcast

Rômulo: – Olá a todos e todas, para ser politicamente correto. (Ele sorri para a câmera e faz um gesto amplo com a mão, como se estivesse abraçando o público). Como vocês estão, meu povo amado? Estamos começando o nosso podcast mais ouvido no Brasil, que fala dela, da nossa amada década de 80, pois se alguma década mudou o mundo, foi a década de 80. Sim, meus amigos e amigas. (Ele inclina a cabeça e faz um gesto exagerado com a mão para enfatizar sua empolgação). Para você, jovem, saber que nessa época o cinto de segurança era usado apenas por pilotos de avião, a criançada ficava solta na parte de trás do Fuscão e seja o que Deus quiser.

Fabi: – Isso mesmo, meu amigo. Era época de heróis. (Rindo e fazendo uma expressão nostálgica, ela cruza os braços sobre o peito, com um brilho de saudade nos olhos). Fico triste por não ter vivido essa época, mas fico com ela na memória das coisas que meus pais falam com a gente.

Rômulo: – Isso mesmo, Fabi. (Diz, balançando a cabeça afirmativamente). Também não vivi, e criamos este podcast justamente para relembrar essa geração que foi criada à deriva de seu destino. (Ele aponta para a câmera com um olhar dramático). E hoje vamos falar das lendas dos anos 80. Sim, meus amigos e amigas, temos lendas desses heróis anônimos que mudaram o mundo e traumatizaram muitos também.

Fabi (arqueando uma sobrancelha e inclinando-se para frente):
– Sobre traumas, isso é verdade. (Ela mexe nas mãos como se estivesse tentando organizar seus pensamentos). Recebo no meu

consultório muitos desses jovens que até hoje vivem esse drama. Mas Rômulo, que heróis são esses? Não me deixe curiosa, menino!

Rômulo (com um olhar conspiratório): – Estamos no limiar de um programa épico. (Ele levanta as sobrancelhas e sorri de maneira enigmática). Hoje iremos entrevistar os heróis anônimos da quinta série.

Fabi (revirando os olhos e dando uma leve batida na mesa): – Nossa, que coisa legal! Mas, por que esses heróis anônimos da quinta série? (Ela cruza os braços e faz uma expressão de impaciência). E por que você repete isso toda hora? O pessoal já entendeu, pode parar de repetir essa frase e anda com o programa, menino.

Rômulo (olhando fixamente para Fabi com um sorriso desconfiado): – É que esses seus olhos verdes me deixam hipnotizado, querida. (Ele faz um gesto sutil com a mão, como se tentasse alcançar o olhar dela).

Fabi (fazendo uma cara entediada e balançando a cabeça): – Ok, mas anda com esse programa, meu filho. (Ela cruza os braços e dá uma olhada rápida para a câmera, como se pedisse paciência ao público). Já me viu, né! Tô linda como sempre, pronto, acabou. Sai desse chavão básico, querido.

Prezado leitor e prezada leitora, peço desculpas pela intromissão, mas nunca sei se isso faz parte do podcast para o público rir das cantadas de Rômulo para Fabi ou se é algo genuíno de Rômulo. Vai saber.

Rômulo (fazendo um gesto de expectativa com as mãos): – Pois bem, foi na 5ª série que muitas lendas surgiram e foram se espalhando pelas escolas, como a lenda da loira do banheiro, o Joãozinho e suas piadas, o Mário...

Fabi (com um olhar curioso e inclinando-se para frente): – Que Mário?

Rômulo (com um sorriso de quem está prestes a revelar um segredo): – Ah, Fabi, vejo que você realmente não é da década de 80. (Ele dá uma piscadela e balança a cabeça). Bem, e tem muito mais, meus amigos, amigas e amiguix... O que aconteceu com eles 40 anos depois? Por onde anda a Maria Chuteira? A Patricinha? O CDF? Cadê o esfomeado, o Zé Bundão, o Cueca Frouxa? O Caolho? O Tribufu, a Chata, o Careca, a Barbie, o Nerd, a Gata, o Zé Bagunça, a Princesa, o Galinha e a Bruxa?

Fabi (surpresa e com os olhos arregalados): – Uau, não sabia que tinha tanto assim!

Rômulo (com um sorriso de satisfação e um gesto de "é isso aí"): – Pois é, Fabi, são os injustiçados e esquecidos socialmente. Hoje vamos entrevistar alguns desses ícones dos anos 80 e 90 e saber o que aconteceu com eles, como está a vida deles hoje. (Ele faz um gesto de "vamos descobrir" com as mãos). Será que a sociedade conseguiu arrumar um espaço para esses gênios esquecidos?

Fabi (empolgada e gesticulando): – Nossa, então o programa de hoje vai bombar, só gente boa!

Rômulo (sorrindo e com um olhar de cumplicidade): – Isso aí, gata! E para começar bem, vamos entrevistar ele, o cara que, com certeza, toda escola do Brasil tinha: o "bom de bola". (Ele faz um gesto chamativo para a entrada do próximo convidado). Chega mais aí, Amarildo, o bom de bola da década de 80.

O Bom de Bola

Aplausos digitais recebem Amarildo quando ele entra, sorrindo e se sentando. Pelo físico de Amarildo, bem acima do peso, Fabi já desconfia que ele não se tornou jogador de futebol.

Rômulo: – Como era ser o "bom de bola" na década de 80, Amarildo?

Amarildo (sorrindo): – Oi, Rômulo e Fabi, obrigado pelo convite. Fico feliz. Então, na década de 80, eu estudava em uma escola pública e era o "bom de bola". Sempre que o pessoal fazia escolha de times, dava briga, e eu era sempre o primeiro a ser escolhido.

Fabi: – Que coisa boa para a sua moral, né?

Amarildo (com um sorriso melancólico): – Sim, isso é verdade, mas ao mesmo tempo era muito solitário. Todo mundo sempre estudava, e eu ficava no campo jogando bola sozinho, só treinando. Achava a escola muito chata. Então, matava aula e ficava ali no campo, treinando como se fosse um jogador profissional para ser melhor do que todos.

Fabi: – Complexo isso de querer se superar em relação aos outros.

Rômulo: – Mas como foi depois da escola?

Amarildo: – Então, todo mundo tentou o segundo grau, mas eu só queria jogar bola. Repeti a quinta série por quatro vezes e fui expulso da escola.

Fabi: – Que situação!

Amarildo (dando de ombros): – Sim.

Rômulo: – E por que você foi expulso?

Amarildo: – Não sei, acho que não podia mais ficar com os menores, já estava grande, né?

Fabi: – Entendo. E aí você foi para a EJA?

Amarildo (rindo): – Não, moça, na época não tinha isso não. A gente saía e ia para a vida. Tentei ir para um time de futebol, mas o pessoal não me achava bom, e fiquei lá ajudando, me sentindo fracassado. Não consegui entrar em um time e não estudei. Eu era bom na escola porque só tinha perna de pau. Depois que fui tentar a vida profissional, vi que eu realmente não era bom. Eu que era o perna de pau para eles.

Rômulo: – Que pena ouvir isso!

Amarildo: – A maioria dos meninos que tenta a vida profissional no futebol desiste, pois não são tão bons quanto imaginam. É uma ilusão achar que você vai ser o craque da bola sem estudar e ficar com as meninas. A realidade é outra.

Fabi: – E qual é o seu maior arrependimento?

Amarildo (com um olhar nostálgico): – Sabe, eu tinha uma paixão escondida.

Rômulo: – A Maria Chuteira?

Amarildo: – Não, a gente só curtia com as Marias Chuteira, mas não ficava com elas não. Me apaixonei pela Silvana.

Fabi: – Quem ela era no rol da fama da quinta série?

Amarildo: – Era uma CDF que todo mundo zoava por usar óculos e aparelho dental, que na época era coisa de rico. Ela sempre tirava 10, mas eu me apaixonei pelo jeito que ela ajeitava os óculos e olhava para o quadro. E ela me olhava nos olhos mesmo quando eu estava sem camisa jogando bola, mostrando a barriga tanquinho da época.

Fabi: – Nossa, que revelação!

Amarildo: – Eu ficava no fundão e só via o cabelo dela, então ia fazer ponta no lápis só para ver o rosto dela.

Fabi: – Que romântico! E depois, você conseguiu ver a CDF?

Amarildo: – Então, depois que surgiram as redes sociais, procurei ela desesperadamente e vi que estava casada, virou médica e tem dois filhos. E o sorriso dela é o mesmo.

Rômulo: – E qual a mensagem que você pode dar para o "bom de bola" de hoje em dia?

Amarildo: – Não se iluda com o futebol. A gente cresce achando que vai ser o máximo, mas poucos conseguem chegar lá e, quando chegam, ainda enfrentam muitos problemas. Se você joga bem, ótimo, curta com seus amigos. E se for seguir carreira, não deixe de estudar. Pelo contrário, estude muito. Se não der certo, seja técnico de futebol ou algo do tipo.

Rômulo: – Obrigado pelo depoimento.

Fabi: – E o que você faz hoje?

Amarildo: – Virei porteiro do estádio da cidade. Estou no ramo do futebol; quando tem jogos assisto-os de graça. Faço a segurança também.

Rômulo (com um sorriso): – Pessoal, vamos aplaudir ele, o bom de bola da década de 80, o mito aqui com a gente!

Aplausos digitais com vários coraçõezinhos na tela. Fabi olha para Rômulo com uma expressão de admiração e comenta:

Fabi: – Que coisa, né, Rômulo? Uma lição de vida importante.

Rômulo (concordando com um leve aceno de cabeça): – Sim, sem dúvida.

Fabi: – É o que a gente sempre fala, pessoal, conhecimento liberta. Sempre estude, por mais chato que seja!

Rômulo (concordando com a amiga): – E qual o próximo entrevistado?

Fabi: – Será que eu sei quem é?

Rômulo (com uma expressão divertida): – Com certeza você conhece e o pessoal de casa também. E aplausos para ele, o puxa-saco da professora.

O Puxa-saco

(Aplausos digitais)

Fabi: – Nossa, agora vamos saber o que aconteceu com ele depois de tanto puxar o saco da professora.

Rômulo: – Oi, qual é o seu nome?

Gilberto: – Oi, meu nome é Gilberto.

Rômulo: – Gilberto, nos anos 80 você era conhecido como?

Gilberto: – Como puxa-saco da professora.

Fabi: – O que era ser o puxa-saco da professora?

Gilberto faz uma expressão de resignação.

Gilberto: – Então, acho que na vida a gente tem que ter uma posição, e naquela época era difícil, pois você precisava estar de um lado. Eu nunca fui bom de bola, não era o fortão, não era o bonitão, não era o legal, não era o CDF e não gostava de estudar. Então, o que sobrou foi ser o puxa-saco da professora.

Fabi: – E isso te deixou feliz?

Gilberto (balança a cabeça negativamente): – Não, na verdade eu odiava. Mas assim, não reprovava, pois elas tinham pena de mim e me davam uma nota extra na prova sempre.

Rômulo: – E os outros alunos, como te viam?

Gilberto (dá de ombros e ri sem jeito): – Ora, me viam como um puxa-saco e zombavam de mim no intervalo. As professoras viam isso e me davam mais pontos, o que acabava afetando os outros, que ficavam mais rígidos na prova.

Rômulo: – Então você era o gênio da psicologia social. Quanto mais sofria e as professoras sabiam, mais você era exaltado. Seria isso?

Gilberto (ri sem graça): – Mais ou menos.

Fabi: – Não achei isso legal, Gilberto. Mas você mudou?

Gilberto (faz um gesto de afirmação com a cabeça): – Sim, não faço mais essas coisas. Agora eu tenho uma posição e sei de que lado estou.

Fabi: – Que coisa boa, seu puxa-saco, quer dizer, seu Gilberto.

Rômulo: – E o que você faz da vida hoje?

Gilberto (sorri e estufa o peito): – Hoje eu sou político do centrão.

Rômulo (arqueia uma sobrancelha, confuso): – Político do centrão? Não é o povo que fica em cima do muro?

Gilberto (ri e balança a cabeça): – Não, isso é uma falácia. O centrão é o que modera a política para não ter extremidades e evitar ambiguidade.

Fabi (franze a testa, demonstrando confusão): – Não entendi nada e não faz sentido o que você falou, querido! Ou seja, a sua ideia é criar uma narrativa contra-hegemônica para se livrar da chamada lateralidade?

Gilberto (olha como quem não entendeu nada e sorri): – Acho que pode ser isso, sim.

Rômulo: – Você estudou?

Gilberto (balança a cabeça negativamente): – Então, a vida de puxa-saco na universidade era bem complicada e não deu certo. Desisti da faculdade e entrei para a política. Hoje sou vereador da cidade e ajudo as pessoas a tomarem um lado na vida.

Fabi (começa a rir e pede desculpas): – Realmente, você é um exemplo de tomar posição na vida, parabéns!

Gilberto, que não entendeu a sátira, sorri e agradece.

Rômulo (olha sério para Fabi): – Então, obrigado por suas palavras e por explicar para a nossa audiência que tomar um lado na vida é a melhor coisa.

Fabi cai na risada.

Gilberto (olha para Fabi e sorri sem graça): – Acho que ela gostou, né!

Gilberto sai e Rômulo reclama com Fabi.

Rômulo: – Fabi, não pode tratar o entrevistado assim.

Fabi (apenas respira fundo e ri mais um pouco): – Fala sério, né? Ele é só o que foi na escola: um puxa-saco que não tomou direção na vida.

Rômulo: – Mas o problema não é nosso, gata.

Fabi apenas respira fundo.

Rômulo: – E agora precisamos chamar o nosso próximo entrevistado, que está muito animado para conversar com a gente.

Fabi: – Nossa, que lição de vida estamos tendo, galera. É importante a gente aprender com a experiência dos outros.

Rômulo: – Só para lembrar aos que chegaram agora, estamos mergulhando no nosso podcast de hoje sobre as injustiças da quinta série. Não sei de que geração você é, mas desde os anos 80, a quinta série era considerada por muitos professores como **a pior turma da escola**. Geralmente, quando entramos na escola, na primeira, segunda e terceira série, somos os bonzinhos, todo mundo é feliz. Porém, na quarta série, geralmente aos 10 anos, começamos a olhar o mundo de forma diferente, a observar as pessoas de maneira diferente, e tudo isso explode na quinta série, quando, aos 11 anos, começamos a questionar a sociedade, o mundo, a questionar tudo ao nosso redor.

Com a mudança na legislação, hoje, talvez para as gerações mais novas, o terror seria o sexto ano. Mas o inconsciente coletivo ainda está na galera do Fundão do quinto ano. Era uma época em que na escola não existia a palavra bullying em nosso vocabulário, mas sofriamos bullying diariamente. Então, fazíamos bullying também, e até os professores faziam bullying com os alunos. Estamos aqui no nosso podcast justamente para entrevistar e ver como está a vida de alguns amigos do quinto ano, como a Nega Maluca, a menina Raimunda e a Loira Burra.

Fabi: – E agora, quem vem para o nosso podcast, Rômulo?

Rômulo: – Então, Fabi, agora vem uma das maiores polêmicas da quinta série: o Ricardão!

Fabi: – Já ouvi muito sobre essa lenda urbana.

O Ricardão

Aplausos digitais ecoam quando Ricardo Almeida entra. Ele se acomoda em frente aos entrevistadores.

Fabi: – Ricardo Almeida, como você está? Já superou a quinta série ou ela ainda está com você?

Rômulo: – E completando, por que te chamam de Ricardão? Isso deu margem para várias especulações.

Ricardo ri antes de começar sua história.

Ricardo (sorrindo e acenando com a cabeça): – Ah, essa lenda é antiga... (Ele se ajeita na cadeira antes de começar a falar). Então, meu apelido era "Ricardão" porque eu era alto para a idade. Como já havia outro Ricardo na escola, acabei conhecido como Ricardão. (Ele aponta para cima para indicar sua altura). Naquela época, meu cabelo era longo porque minha mãe não tinha dinheiro para cortá-lo, então ela penteava para trás. Assim, as pessoas achavam que eu tinha o estilo do James Dean, porque o filme passava na Sessão da Tarde o tempo todo. (Ele faz um gesto de penteando o cabelo para trás). Certo dia, a professora de matemática trouxe a filha de 15 anos e eu com 11 anos era mais alto que ela. A menina sentou-se ao meu lado, pois não havia carteira vaga. (Ele aponta para o lado para representar a menina sentando ao seu lado). Começamos a conversar e ela brincou conosco no intervalo. No final, ela me deu um selinho, mas só como gesto amigável, sabe. (Ele faz um gesto de um selinho no ar). Mas as pessoas viram e o boato começou.

Rômulo (franzindo a testa): – Então, não foi você que deu em cima dela, mas sim ela que te deu o beijo?

Ricardo (rindo e balançando a cabeça): – Isso mesmo, aí cada um que contava criava uma história diferente.

Fabi (intrigada, com as mãos na cintura): – Nossa, então você é fruto de uma fake news?

Ricardo (concordando com a cabeça): – Exatamente, daí começaram a dizer que namorei ela, a professora, a irmã dela, as tias e até o prédio todo. (Ele gesticula de forma exagerada para ilustrar as múltiplas pessoas envolvidas). E, por coincidência, depois veio uma estagiária e, ao me olhar, soltou: "Nossa, você parece o James Dean. Que lindo!" (Ele faz um gesto de admiração). E pronto, a fábrica de mentiras e boatos cresceu.

Fabi (fazendo uma careta de surpresa): – Que interessante.

Ricardão (com um sorriso irônico): – Mas então, no final do semestre, depois de jogar bola com a galera, fui beber água e a estagiária saiu. (Ele faz um gesto de pegar um copo de água). Ela sorriu para mim e veio conversar, dizendo que nossa turma era muito divertida. (Ele se inclina para frente, como se estivesse ouvindo ela falar). Ficou de costas para o pessoal e de frente para mim. O pessoal, de longe, pensou que fosse outro selinho e pronto, o boato do Ricardão pegador só aumentou.

Fabi (arqueando uma sobrancelha): – E você pegava todas?

Ricardão (rindo e balançando a cabeça): – Não, não pegava ninguém.

Rômulo (surpreso, levantando as mãos): – Como assim?

Ricardão (encolhendo os ombros): – Naquela época da quinta série, ninguém pegava ninguém mesmo. (Ele faz um gesto de negação com as mãos). Conforme eu ia crescendo, os boatos aumentavam e eu só ria disso tudo, nunca confirmando nem desmentindo.

Fabi (com um sorriso): – E por não confirmar, aumentava o mistério e a fama.

Ricardão (assentindo com a cabeça): – Exatamente, e assim caí no "mal da fama".

Fabi (com um olhar compreensivo): – O que seria esse "mal da fama"?

Ricardão: – As meninas me chamavam de Ricardão, o pegador de todas, mesmo sem pegar ninguém. (Ele faz um gesto de desgosto). E não queriam ficar comigo para não serem mal faladas, mas por trás, diziam que tinham ficado comigo porque eu era o amante ideal, e os namorados ficavam com raiva de mim.

Rômulo (com cara de preocupado): – E isso não te prejudicou?

Ricardão (suspirando): – Prejudicou sim, tive que brigar com muita gente que eu nem conhecia porque a namorada inventava que tinha ficado com o Ricardão para causar ciúmes. Tive que entrar num curso de autodefesa e fui mudando, até que comecei a ficar deprimido.

Fabi (com uma expressão de compaixão): – Por que deprimido?

Ricardo (com aparência nostálgica): – Porque como eu não namorava ninguém e todos os meus amigos ficavam, e eu só tinha a fama, fiquei triste e acabei caindo em depressão.

Rômulo (com um olhar solidário): – Sinto muito.

Ricardo (com um sorriso sincero): – Pois é, foi aí que conheci minha esposa, que era a estagiária da cidade no consultório público de psicologia. Namoramos e estamos juntos até hoje.

Fabi (sorrindo calorosamente): – Então, a lenda do Ricardão pegador é só uma lenda urbana!

Ricardão (com um olhar brincalhão): – Exatamente, sou fiel à minha esposa, minha primeira e única namorada.

Rômulo (com um gesto de aprovação): – Nossa, que revelação! Obrigado, Ricardo, por compartilhar isso conosco!

Fabi (acena antes da despedida): – E hoje, qual sua profissão?

Ricardão (sorrindo): – Hoje sou professor e combato as fake news e os boatos nas escolas.

Ricardão cumprimenta Fabi e Rômulo e sai.

Fabi (rindo): – Nossa, que loucura! O "pegador" da minha infância, o que pegava todas, na verdade era um BV!

Rômulo (sorrindo e balançando a cabeça): – O que a mentira não faz com uma pessoa...

Fabi (abrindo os olhos e levando a mão à boca): – Estou chocada!!!

Rômulo (erguendo uma mão em um gesto de calma): – Calma, Fabi, ainda temos muitas coisas para descobrir.

Fabi (suspirando e assentindo): – Verdade, saber é sempre bom!

Rômulo (ajustando o microfone e olhando seriamente para a câmera): – Então, no nosso podcast, a gente tem percebido que, infelizmente, a escola é um espaço que gera muitos traumas. Vimos aí, algumas pessoas que passaram pela quinta série e sofreram de tudo. Acredito que isso gera nas pessoas muitos traumas. Por isso, neste momento, convidamos uma psicóloga com PhD em transtornos de alunos da quinta série. A doutora Kátia Maria.

Loira Burra

A Dr.^a Kátia entra, acenando com a cabeça e sorrindo. Ela senta à frente dos entrevistadores.

Kátia (sorrindo gentilmente): – Olá, pessoal, é um prazer estar aqui.

Rômulo: – Olá, doutora Kátia! Agradecemos a sua presença aqui no programa. Gostaria de iniciar nossa conversa falando sobre os traumas que muitos alunos da antiga quinta série carregam até hoje.

Kátia (sorrindo sem graça): – Olá a todos! Agradeço o convite. Sim, a quinta série da década de 80 era realmente uma época difícil para muitos alunos.

Fabi: – Era a fase em que os alunos geralmente estavam entre os 11 e 12 anos, né? Uma época de muitas mudanças...

Kátia: – Isso mesmo. Entre 11 e 12 anos, mudamos muito. Começamos a nos descobrir e questionar o mundo, percebendo que nossos pais não são os heróis que imaginávamos. Sem apoio em casa, muitos de nós buscamos nos amigos uma família alternativa, idealizando essas amizades como eternas. Mas, nessa busca por aceitação, alguns se perdem, tentando se destacar de maneiras diferentes e se distanciando dos pais. Essa ruptura na comunicação gera conflitos, pois os pais não compreendem as mudanças dos filhos. Nesse momento de confusão, a criança pode acreditar que apenas os amigos a entendem, o que a leva a decisões precipitadas e comportamentos inadequados. É importante lembrar que os pais

também enfrentam seus próprios desafios. A comunicação aberta e honesta é essencial para fortalecer os laços familiares e superar essa fase tão importante da vida.

Rômulo: – Compartilhe suas experiências nos comentários e vamos juntos construir um futuro mais acolhedor e compreensivo para as próximas gerações!

Fabi: – E qual o motivo da escola não ser um espaço de acolhimento?

Rômulo: – Antes dela responder, quero aproveitar e reforçar que a quinta série, em particular, era conhecida por ser um período de grande pressão social e acadêmica.

Kátia (assentindo): – Sim, era um momento crucial para a formação da identidade dos alunos. E, infelizmente, muitos deles acabavam sofrendo bullying, rotulações e outros tipos de traumas que marcaram suas vidas para sempre e que na época achávamos normal.

Fabi: – E a senhora, doutora Kátia, também vivenciou traumas nessa época?

Kátia (com um sorriso triste): – Sim, confesso que não tive uma experiência muito positiva na quinta série. Eu era uma criança quieta, introvertida e com algumas dificuldades de aprendizado. E isso me rendeu o apelido, nada lisonjeiro, de "Loira Burra".

Rômulo (com empatia): – Nossa, que rótulo terrível! Imagino como isso deve ter sido difícil para a senhora.

Kátia (com a voz embargada): – Foi muito doloroso. Eu me sentia inferior, incapaz e constantemente humilhada. E esse trauma me acompanhou por muitos anos, mesmo depois de me tornar adulta e alcançar o sucesso profissional.

Fabi (com admiração): – Mas a senhora superou essa fase e se tornou uma psicóloga de sucesso! Escritora de Livros e doutora em Psicologia emocional. Isso é realmente inspirador.

Rômulo: – Dr.^a Kátia, sua história demonstra uma incrível superação!

Kátia (num tom firme): – Rômulo, obrigado pelas palavras, mas não foi bem assim. Eu nunca fui "burra". Na verdade, meu problema era a memória de curto prazo. Minha inteligência sempre esteve em questionar, analisar e debater ideias, habilidades que, infelizmente, não eram valorizadas na escola tradicional.

Fabi: – Concordo, doutora Kátia. A escola precisa se adaptar ao século XXI e valorizar diferentes tipos de inteligência, indo além da memorização e da repetição, senão vai continuar a gerar traumas.

Kátia: – Exatamente! O que precisa mudar é a própria estrutura educacional, abandonando o modelo ultrapassado de decorar nomes e fórmulas sem sentido para a maioria dos alunos. A escola precisa estimular o pensamento crítico, a criatividade e a resolução de problemas, habilidades essenciais para o mundo em que vivemos.

Fabi e Rômulo estão de um lado da mesa, com microfones posicionados à frente. Do outro lado, está a Dr.^a Kátia, com um semblante calmo e gestos expressivos. O ambiente é acolhedor, com

luz suave e decoração minimalista deixando a entrevistada mais relaxada.

Fabi: – Hoje, estamos debatendo uma questão muito importante, o bullying psicológico. A Dr.^a Kátia, é especialista no assunto e vai nos contar mais sobre seu trabalho, não é mesmo?

Kátia (fazendo um leve gesto com as mãos): – Claro! Hoje, dedico meu trabalho a ajudar alunos entre 10 e 15 anos, desmistificando a questão do bullying psicológico. Muitas vezes, as pessoas associam o bullying apenas à violência física, mas esquecem das agressões indiretas, como o racismo estrutural, as piadas ofensivas e as microagressões que causam um sofrimento profundo e silencioso.

Fabi (assentindo e olhando para Rômulo): – É verdade, doutora. Essas agressões sutis podem ter um impacto devastador na autoestima e na saúde mental das vítimas.

Kátia (gesticulando com as mãos para enfatizar suas palavras): – Exato! O bullying psicológico, muitas vezes mascarado como brincadeira ou piada, esconde uma dor profunda e pode deixar traumas que marcam a vida das pessoas por muito tempo.

Rômulo (olhando para Fabi e depois para a Dr.^a Kátia): – Doutora Kátia, algumas pesquisas sugerem que os valentões geralmente sofrem bullying ou problemas em casa. Isso procede?

Kátia (fazendo um gesto de reflexão com a mão no queixo): – Cada caso é único, e generalizações nem sempre são precisas. No entanto, a literatura e alguns especialistas defendem a ideia de que muitos valentões são vítimas de traumas, como violência física ou

emocional em casa. Na escola, eles reproduzem o que vivenciam, buscando reconhecimento e poder, através da agressão aos outros.

Rômulo (interessado, inclina-se para frente): – É interessante essa perspectiva. O que vocês fazem para ajudar esses alunos?

Kátia (fazendo um gesto acolhedor com as mãos abertas): – Trabalhamos com essas crianças para mostrar que o diálogo é a melhor ferramenta para resolver conflitos. Ensinamos que a violência nunca é a solução, e que a comunicação respeitosa e a empatia são essenciais para construir relações saudáveis.

Fabi (com um gesto afirmativo): – É fundamental romper esse ciclo de violência e oferecer alternativas positivas para esses alunos.

Kátia (sorrindo e fazendo um gesto de concordância): – Sim, e o papel da família é crucial nesse processo. O apoio emocional, a orientação e o diálogo aberto entre pais e filhos são essenciais para prevenir o bullying e ajudar as crianças a lidar com seus traumas.

Fabi (olhando para a câmera): – Muito obrigado, Dr.^a Kátia, por compartilhar seu conhecimento e suas experiências conosco.

Kátia se retira e Rômulo olha para Fabi, fazendo um gesto de apoio.

Rômulo: – Nossa, olha que superação teve a nossa amiga!

Fabi: – E quem diria que foi a "Loira Burra" na escola.

Rômulo: – E agora teremos ele, a lenda das lendas, o mito dos mitos, o maior nome que a quinta série já produziu: ele, o mito... Joãozinho!!!!

Joãozinho – A Lenda

Rômulo: – E agora, pessoal, vamos chamar mais um dos nossos queridos e amados ex-alunos da quinta série. Ele que tornou essa fase escolar uma lenda, e até hoje, mais de 30 anos depois, é lembrado. Muitos políticos aprenderam e se inspiraram nele. Sim, estou falando da lenda urbana mais famosa das escolas, o mito dos mitos, aquele que sempre foi o terror das professoras: o sensacional Joãozinho!

Rômulo e Fabi se levantam e começam a aplaudir enquanto o "mito dos mitos", Joãozinho, entra e se senta diante dos entrevistadores.

Rômulo: – Joãozinho, fico muito feliz de você estar aqui conosco, conversando sobre sua experiência na escola. Você se tornou uma verdadeira lenda da quinta série, e até hoje, seu nome é temido pelos professores de todas as séries. Queria saber como foi a escola para você.

Joãozinho (sorri afetuosamente para os entrevistados e balança a cabeça levemente): – Olá a todos que estão ouvindo esse podcast e que, em algum momento da vida, escutaram histórias sobre mim. Algumas são verdadeiras, outras são apenas lendas urbanas. Infelizmente, a escola nunca me permitiu me expressar plenamente. Muitos professores estavam mais preocupados com a minha fama e com o que eu poderia fazer de bagunça do que em tentar me entender.

Rômulo: – Como assim, Joãozinho?

Joãozinho (faz um gesto de dúvida com as mãos): – Já existia o mito de que eu era o bagunceiro da escola, então, todas as professoras, quando entravam na sala, já me procuravam para ver se eu estava aprontando alguma coisa. Muitas vezes, eu estava quieto no meu canto, mas mesmo assim, elas brigavam comigo simplesmente porque eu "poderia" fazer algo errado.

Fabi: – Isso é perseguição. Era bullying de professor.

Joãozinho (levanta os ombros em um gesto resignado): – Eu não sabia disso na época, mas percebia que não podia fazer bagunça a qualquer momento. Então, esperava o momento certo, o que acabou me ensinando muitas táticas para agir de forma diferente.

Fabi: – E por que você acha que isso acontecia?

Joãozinho (faz um gesto de reflexão, tocando o queixo): – Acho que os professores queriam um aluno padrão, perfeito. Como aqueles que se sentavam na primeira carteira, que a gente considerava os chatos. Eu era hiperativo, tinha dislexia, era inquieto, e por isso, era visto como um aluno ruim, o pior da escola.

Rômulo: – Então, o mito Joãozinho era neuro divergente?

Joãozinho (balança a cabeça afirmativamente): – Sim, fui diagnosticado como hiperativo e com dislexia depois de adulto e compreendi o motivo de eu não aprender na escola. Tinha dificuldade em aprender e o hiperativismo me fazia me movimentar o tempo todo.

Fabi: – Que chocante! O mito, na verdade, tinha problemas cognitivos!

Joãozinho (suspira e olha para suas mãos, como se revivesse memórias): – Eu tinha dúvidas, mas muitas vezes ninguém as tirava e riam de mim. Então eu ria também. Para mim, o riso era uma forma de me acalmar, de não entrar na tristeza. Era rindo e brincando que eu encontrava um alívio.

Rômulo (com um olhar de compreensão do que foi dito tenta dar apoio ao entrevistado): – Muito forte suas palavras, Joãozinho. Quero que você fale um pouco sobre o livro que lançou recentemente.

Joãozinho (ergue as sobrancelhas, demonstrando entusiasmo): – Claro. Com a internet e os mitos sobre mim, achei que deveria escrever um livro de memórias da quinta série, explicando o que realmente aconteceu após cada loucura que aprontei. O livro se chama "**A Escola que Perdeu o Joãozinho**". Nele, falo sobre como a escola não soube me educar. Mesmo sendo reprovado várias vezes, não desisti da escola, até que fui expelido pelo sistema. Acabei voltando anos depois.

Fabi: – Então, você teve dificuldade em aprender e continuar na escola, e foi expulso não pela bagunça, mas pela idade?

Joãozinho (concorda com a cabeça e sorri tristemente): – Sim, isso mesmo. Tive que ir para a EJA para conseguir completar meus estudos, mas foi muito difícil.

Rômulo: – Nossa, Joãozinho, o mito repellido pelo sistema, mas que voltou mesmo assim. Fala para a gente, como foi escrever o livro e reviver essas memórias.

Joãozinho (faz um gesto amplo com as mãos, como se estivesse contando uma história): – Escrevi este livro porque só consegui estudar até a quinta série. Depois, fui para a EJA e avancei um pouco, mas parei novamente na oitava série. Com o diploma e sem trabalho, na casa dos 20 anos, trabalhei de tudo um pouco para ajudar em casa, de pedreiro a office boy. Então, para sobreviver, comecei a trabalhar numa padaria no centro da cidade. Lá, aprendi como o pão era feito e percebi a importância dos detalhes. Para fazer minhas brincadeiras, eu calculava tudo muito bem. E usei isso para melhorar as ações na padaria. Com o tempo, comecei a identificar os problemas na padaria e ajudei a melhorar várias coisas. Fui juntando meu dinheirinho e abri minha própria padaria no meu bairro. No início, era bem simples, mas oferecia um pão ótimo e com preço justo. Assim, a padaria foi crescendo cada vez mais. Hoje, tenho uma rede de 10 padarias espalhadas pelo bairro e ainda doamos pão para as pessoas que precisam.

Fabi: – De aluno bagunceiro que a escola não entendia virou um grande empreendedor! Como conseguiu?

Joãozinho: – Como sempre fui comunicativo, comecei a perguntar às pessoas que tipo de pão elas gostavam e qual era a melhor hora para elas. Fiz, na época, uma lista de clientes e dos tipos de pães e bolos que preferiam. Assim, fui crescendo, oferecendo até pão em casa na hora do café delas. Quando percebi, estávamos com o dobro de funcionários e abrimos outra padaria. Hoje, nossa rede tem entrega a domicílio na hora do café e bolos personalizados para cada cliente. Eles entram no aplicativo, escolhem como querem o bolo e nós entregamos por um preço justo. A entrega no bairro é de graça. Os moleques que ficavam à toa na rua agora entregam os pedidos,

ganham um dinheiro e eu compro material escolar para eles. É a rede do bem e do amor.

Rômulo: – Fantástico! O mundo precisa saber disso! E como veio a inspiração para o livro?

Joãozinho (faz um gesto de desapontamento): – Escrevi este livro após encontrar uma professora da quinta série na rua. Ela me disse que eu deveria ter estudado para ser alguém na vida.

Fabi: – E por que ela disse isso?

Joãozinho (faz um gesto de incredulidade, com as mãos no ar): – Porque eu estava carregando trigo para a padaria e ela me viu sujo de trigo. Ela começou a falar que, se eu tivesse estudado, seria alguém na vida. Esperei ela terminar e disse que realmente não estudei, mas me tornei alguém. Trabalhei, corri atrás e aprendi com a vida, mesmo quando a escola não me ensinou. Estudar é importante, mas conhecimento também é. E eu aprendi muito com as pessoas no trabalho.

Fabi: – Mas não podemos culpar todos os professores, né, Joãozinho?

Joãozinho (balança a cabeça em concordância): – Claro que não. E foi uma professora que me salvou!

Rômulo: – Como assim?

Joãozinho: – Uma professora de matemática, que gostava das músicas que eu fazia para ela, um dia apareceu na padaria do centro

onde eu trabalhava. Ela me convidou para sentar e conversar. Conte para ela como naquela padaria tinha muitas coisas erradas e como eu ajudei a melhorar. Ela então sugeriu que eu abrisse uma padaria na minha casa, que ficava na esquina da escola. Eu disse que não sabia como fazer isso, e ela falou que me ajudaria com a parte legal e contábil. E não é que ela realmente me ajudou com a contabilidade e a abrir a minha primeira padaria? Ficamos tão amigos que acabei casando com a filha dela. Hoje, ela é minha sogrinha querida.

Fabi: – Que lindo! Nossa, a professora que você não gostava e para quem fez várias músicas foi a que te ajudou! Incrível!

Rômulo: – Que legal, Joãozinho. Criamos este podcast justamente para os professores entenderem que não existe um padrão. Todos somos diferentes, cada um tem seu tipo de inteligência e modo de aprender. Não podemos criar um aluno padrão e dizer que todos são iguais.

Fabi: – Parabéns, Joãozinho. Criticar a escola é algo complexo e você teve coragem de fazer isso no seu livro.

Rômulo: – Tem algum caso que te marcou das suas travessuras na escola?

Joãozinho (faz um gesto de pensamento, olhando para o teto e rindo): – Tem vários.

Fabi: – Conta um que te marcou.

Joãozinho (faz um gesto de animação, imitando a cena): – Teve uma vez que a professora de português perguntou qual a palavra mais

bonita da língua portuguesa. Todo mundo ficou pensando, e eu rapidamente levantei a mão. A professora me ignorou, então eu continuei com a mão erguida, olhando ao redor, até que ela respirou fundo e disse: "Joãozinho, pode falar". Eu sorri para a professora e respondi: "A palavra mais bonita da língua portuguesa é 'remeter'". A professora ficou olhando para mim, pensando que era uma pegadinha, e disse: "Joãozinho, você me surpreendeu. Realmente, é uma palavra bonita. Parabéns!" Eu fiquei todo feliz. Depois ela perguntou por que eu achava isso, e eu virei para a turma e expliquei: "Significa que já fiz e vou fazer de novo, remeter". Os alunos caíram na risada, e ela me expulsou da sala.

Rômulo (comenta com indignação): – Que injusto, Joãozinho. Você teve uma ideia maravilhosa e muito criativa. Infelizmente, essas professoras não entendiam o valor de uma boa piada.

Joãozinho (faz um gesto de concordância com um sorriso triste): – Mas teve uma pior ainda...

Fabi (faz um gesto de curiosidade, inclinando-se para frente): – Pior? Conta, Joãozinho!

Joãozinho (faz um gesto de lembrança, olhando para o nada por um momento): – O professor estava explicando que dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço, a Lei da Impenetrabilidade. Fiquei ali pensando, até que decidi compartilhar minha opinião com os amigos. Expliquei que essa lei não fazia sentido e o porquê. Todos começaram a rir, até algumas meninas. O professor parou a aula e perguntou de forma ríspida: "Do que está rindo, Joãozinho? Não entendeu sobre a impenetrabilidade?" Eu me levantei, ainda rindo, e expliquei, tentando controlar o riso: "Professor, eu entendi, mas não

faz sentido. Dois corpos podem ocupar o mesmo espaço". O professor, já irritado, respirou fundo e disse: "Existem vários artigos, congressos e livros que explicam essa lei. Com base em quê, você, na quinta série, quer refutar anos de pesquisa?" Eu olhei para a turma e soltei a bomba: "Na prática, dois corpos ocupam o mesmo espaço, sim". Claro que não convenci o professor. Os alunos começaram a rir com os gestões de copulação que eu fiz. Depois eu me virei de costas e fingi estar abraçando alguém, rebolando. A galera estava morrendo de rir, e o professor gritou: "Joãozinho, sai da minha sala! Isso não é impenetrabilidade!" Eu parei na porta e respondi: "Claro que não é, professor. Se ele conseguiu, o nome é outro!" E saí correndo, enquanto a turma gargalhava.

Rômulo e Fabi riem, se levantam e pedem um autógrafo ao "mito" Joãozinho.

(Aplausos digitais)

Joãozinho sai e Rômulo volta a se sentar, colocando o livro na bancada. Ele arruma o cabelo e olha para Fabi.

Barbie

Rômulo: – Nega do céu, esse Joãozinho é o mito dos mitos mesmo.

Fabi: – E olha que ser humano ele virou.

Rômulo: – Mas não podemos pensar que ele não estudou e venceu, e que você também vai. Não é isso.

Fabi: – Pelo que entendi, ele já tinha uma inteligência emocional muito boa e habilidades de comunicação que o ajudaram como observador a mudar as coisas na padaria e a abrir a sua própria. Acho que a escola deveria considerar os dois mundos: o acadêmico, sempre perfeito, e a vida real. Afinal, para onde esses alunos vão depois de formados?

Rômulo: – Exato. E formados em quê? Por isso, acho que a escola deveria ser para todos, e a universidade também, pois é um tipo diferente de escola.

Fabi: – Sim, uma escola progressiva que ensina a pensar é o medo dos nossos políticos. Muitos se elegem com piadinhas sexistas e sem sentido.

Rômulo: – Por falar nisso, acho que já abrimos o debate para a próxima entrevistada.

Fabi: – Humm, quem será?

Rômulo: – E agora, ela, a querida das queridinhas, a Barbie!

Então, entra Suzana, uma loira de um metro e oitenta e oito centímetros. Ela já entra mandando beijos para todos.

Fabi: – E aí querida, como está? Você está linda! Me fala como foi viver a quinta série e ser a Barbie. Explica para a gente o que significava ser a Barbie daquela época.

Suzana: – Obrigada pelo convite e pelo carinho. Então, Barbie era o apelido que a gente dava para as meninas mais bonitas da escola. No meu caso, eu nem era a mais bonita, mas era loira, magra e alta, então fiquei com esse apelido.

Fabi: – E você acha que esse apelido te ajudou?

Suzana (ela faz um gesto pensativo): – Olha, eu era uma criança que nunca fui muito bonita, mas depois dos 10 anos, comecei a crescer muito rápido e fiquei maior que muitos meninos. Como eu jogava vôlei e futebol com os meninos, fui adquirindo massa muscular e a definição do corpo foi rápida. Eu era muito moleca e odiava usar salto e vestido colado. O que eu mais fazia era jogar bola com os meninos, que sempre me respeitaram. Quando tinha uns bobões me chamando de gostosa ou coisas do tipo, eu adorava ficar zoando com eles.

Rômulo (faz cara de curioso e interrompe Suzana): – Como assim, zoando?

Suzana: – Eu chegava perto deles com cara e jeito de menina frágil e falava que estava com fome e sede. Os otários compravam coisas para mim, aí eu agradecia e saía de perto. Eles me seguiam e

eu sentava com os meninos, com o Joãozinho, o Ricardão e o bom de bola. Aí, os babões iam embora sem graça e a gente ficava rindo!

Fabi: – Entendi, coitados!

Suzana (mostrando indignação): – Coitados nada! Ficavam chamando uma menina ainda criança de gostosa e coisas do tipo. Eu odiava isso, então usava eles mesmo!

Rômulo: – Mas qual o motivo de te chamarem de Barbie?

Suzana: – Como jogava bola com os meninos, eu era a louquinha que brigava com eles. Eu era tudo, menos a Barbie perfeita e educada! Um dia, na escola, as patricinhas levaram bonecas da Barbie e eu fiquei jogando bola. O Joãozinho viu as Barbies e gritou: "Gente, achei a boneca da Suzana!"

Rômulo: – Sempre o Joãozinho, né!

Suzana: – Ele era demais, um querido! Ele pegou a Barbie da patricinha e saiu correndo, mostrando a Barbie, e a patricinha atrás dele. Ele ficou jogando a Barbie para uns e outros, e a patricinha correndo. Coitada. Quando ele jogou para mim, claro que eu devolvi para ela. Aí o Joãozinho falou: "Vamos voltar a jogar bola! Barbie, vai jogar ou não?" E eu falei: "O quê?" Pronto, virei a Barbie mais pelo estereótipo de loira, alta e magra do que pela beleza. E digo mais: a loira burra, a Kátia, era melhor aluna do que eu.

Rômulo: – Então, o que mais te ajudou nem foi o seu estereótipo, mas o seu jeito moleca de ser, não era um contraste com o seu apelido?

Suzana: – Sim, totalmente. Eu brigava com os meninos, saía na mão mesmo, jogava futebol, ganhava deles (risos) e colava junto com eles.

Fabi: – E é verdade que você teve um caso com o Joãozinho e o Ricardão?

Suzana: – Nunca, eram só boatos. A gente ria muito. O Ricardão era super tímido e o Joãozinho tentava a toda hora (risos), mas era só amizade mesmo.

Fabi: – E os professores te chamavam de Barbie também?

Suzana: – Então, era até engraçado porque eu assinava meu nome e colocava Barbie do lado. Os professores liam meu nome e falavam: "Suzana Barbie". E aí ficou.

Rômulo: – Fascinante. E o que você faz hoje, Suzana?

Suzana: – Hoje, sou influencer e adoro. Na academia, fiz faculdade de nutrição, porque amo comer e quero cuidar da minha saúde.

Fabi: – Que massa!

Rômulo: – E você foi eleita a mais linda da escola. Me fala isso, menina?

Suzana: – Foi roubo.

Fabi (empolgada com a fofoca): – Como assim? Me conta esse babado, menina.

Suzana: – Então, tinha umas meninas lindas na escola, mas eu andava com os meninos e era da galera, como falei. Eu era da bagunça. Quando teve essa coisa de miss da escola, eu ri muito e achei ridículo. Os meninos também, então todos íamos votar para o tribufu da sala ganhar. Quando eu estava no banheiro, vi ela chorando e perguntei o motivo. Ela falou que sabia que os meninos iam votar nela só para zoar e ela estava com medo que toda a escola iria rir dela. Então, pensei e falei que ela não iria ganhar. Pedi para os meninos votarem em mim e começamos uma campanha bem árdua de "Vote na Barbie para representar a escola". O Joãozinho foi o que mais fez campanha para me eleger. E assim, consegui ganhar em primeiro lugar.

Rômulo (curioso): – E o tribufu?

Suzana: – Ela ficou em último lugar e ficou feliz porque ninguém lembrou dela.

Fabi: – Que gesto legal o seu.

Suzana: – É, mas aí toda a escola começou a me chamar de Barbie e dizer que eu era modelo. Assim, virei modelo por alguns anos, não por ser linda, mas por ser alta, loira e de olhos azuis. Era um estereótipo perfeito e eu odiava isso. Ganhei dinheiro com essa coisa de modelo.

Rômulo: – Mas onde está o roubo que você comentou? Pelo que entendi, foi uma votação honesta!

Suzana: – Então, só que não! O Joãozinho foi até as patricinhas e ameaçou elas.

Fabi: – O que ele aprontou?

Suzana: – Ele falou que se eu não fosse eleita, ele iria fazer uma música para cada menina da sala para todos ficarem rindo delas.

Rômulo: – E ele iria fazer mesmo, né?

Suzana: – Pior!

Fabi (animada e inclinando o corpo para frente): – Como assim menina?

Suzana: – Um dia, ele pegou a agenda da patricinha e sabia vários segredos dela. Assim, ela fez as amigas votarem em mim e ganhei com uma votação muito alta. Isso chamou a atenção da diretora, que tinha um amigo fotógrafo. Ele foi lá, me fotografou e assim virei modelo.

Fabi: – Que destino!

Rômulo: – E hoje, o que você faz na internet como influencer?

Suzana: – Eu mostro para as meninas que elas têm que se amar em primeiro lugar. Sou feminista e odeio homem babão. Mostro que a maior beleza é a interior.

Fabi: – Que linda mensagem.

Suzana: – Então, teve um dia que uma menina falou que eu só falava isso porque era linda. Para ela ver que eu falava sério, eu raspei a cabeça, fiquei carequinha.

Rômulo: – Nossa, e aí?

Suzana: – Consegui mais admiradores e seguidores porque achavam que minha foto era uma homenagem ao pessoal que luta contra o câncer. Não era, mas aí quanto mais você explica, mais pensam que você é altruísta. Então, parei de explicar e virei influencer com mais de 1 milhão e meio de seguidores.

Rômulo: – Nossa, a Barbie é feminista.

Fabi: – Que orgulho da nossa Barbie, gente. Aplauso para ela.

(Aplausos digitais)

Mário! Que Mário?

Fabi: – Estamos fazendo história, mostrando como muitos dos heróis anônimos da quinta série mudaram o estereótipo e hoje têm uma vida normal. (Fabi gesticula com as mãos, dando ênfase à "história").

Rômulo: – Verdade, Fabi. E agora, o homem que não saía do armário. (Rômulo faz um gesto de surpresa com as mãos).

Fabi: – Como assim? (Fabi inclina a cabeça para o lado, com uma expressão curiosa).

Rômulo: – O Mário! (Rômulo faz um gesto expansivo, como se apresentasse alguém para a plateia).

Fabi: – Que Mário? (Fabi levanta as sobrancelhas, com um olhar intrigado).

Rômulo: – Você já vai saber... Entra então, Mário! (Rômulo bate palmas e faz um gesto de convite com a mão).

(Aplausos digitais)

Rômulo: – Mário, conta pra gente como nasceu a sua fama com o armário. (Rômulo gesticula para Mário começar a falar).

Mário: – Obrigado pela lembrança. Bem, na quinta série eu era como todos os meus amigos da época, muito curioso e brincalhão.

(Mário sorri e balança a cabeça, lembrando). Um dia, a professora de português falou que ia fazer uma prova surpresa.

Fabi: – Sou totalmente contra essas provas surpresas.

Mário: – Como aluno, a gente odiava. E a professora de português não gostava de mim.

Rômulo: – Como assim? Qual o motivo? (Rômulo inclina-se um pouco para frente, interessado).

Mário: – Um dia, eu estava de costas para a porta cantando uma paródia contra ela. (Mário faz um gesto de estar virado, como se cantasse para a parede).

Fabi: – Que música?

Mário: – Era década de 1980 e tinha uma música chamada "**Erva Doce**". A letra era muito engraçada. A professora saiu para pegar giz, pois na época não existia essa praga de PowerPoint. O Joãozinho, sempre ele, correu e pegou os óculos dela e ficou imitando-a, todo mundo rindo. Ele me puxou para a gente cantar uma paródia. Eu peguei o outro óculos dela, o de sol, e comecei a cantar com ele.

Fabi: – Canta pra gente uma parte aí.

Mário (canta entusiasmado, fazendo gestos dramáticos e expressivos): – "Parece uma rosa, De longe é formosa, É toda recalçada, Alegria alheia incomoda. Venenosa eh eh eh eh eh. Lúcia Helena venenosa. É pior do que cobra cascavel, Seu veneno é cruel".

Rômulo (rindo e batendo palmas): – Muito bom!

Mário: – Ela entrou justamente quando eu estava cantando essa parte com o nome dela. O Joãozinho, sempre malandro, quando sentiu ela chegando, se escondeu atrás da porta como se estivesse apontando o lápis. Quando eu olhei para trás, o rosto dela era de raiva. Ela me colocou na primeira carteira e o Joãozinho ria e me jogava papelzinho.

Fabi (faz uma expressão de compreensão): – Por isso ela passou a te odiar?

Mário: – Sim. No dia que ela falou que era prova surpresa, todos ficamos desesperados. Ela saiu para pegar as provas mimeografadas e eu olhei para o lado e vi o armário. No desespero, entrei no armário e pedi para o Joãozinho falar que eu não tinha vindo à aula.

Rômulo (faz um gesto de exasperação com a mão): – Esse Joãozinho...

Mário (com um olhar desconfiado): – Ela voltou, deu a prova e o pessoal ficava meio rindo e olhando para o armário. Ela ficou desconfiada que deveria ter cola no armário e ficou olhando.

Rômulo: – Nossa, e aí?

Mário: – Eu fiquei desesperado. Ela ficou de costas e se encostou no armário.

Fabi: – Ai Jesus... (Fabi coloca a mão na testa em um gesto de preocupação).

Mário: – Ela encostou e o pessoal continuou rindo. Eu, desesperado. Ela se encostou mais ainda e o armário abriu. Claro, eu a segurei.

Rômulo (na expectativa): – E aí?

Mário: – Ah, eu já estava ferrado. Ela era uma professora má, mas era nova e bonita. Quando a porta abriu e ela caiu no meu colo, fiz o que qualquer um faria. (Mário faz um gesto de surpresa e depois um gesto de dar um beijo).

Fabi: – Não me diga que você...

Mário: – Sim, eu dei um beijão nela e saí correndo. Meu short ficou preso em algo e rasgou boa parte dele, short velho é assim mesmo. Saí quase pelado de dentro do armário depois de dar um beijo na professora.

Fabi (com uma expressão incrédula): – Tô imaginando a cena e não acreditando.

Mário: – O Joãozinho ficou em cima da mesa gritando: "Viva o Mário que te pega no armário!" (Mário faz um gesto de comemoração).

Rômulo: – E o pessoal?

Mário: – Todos rindo e a professora sem entender o que aconteceu. Foi assim que a minha fama cresceu. O Mário que te pega no armário.

Fabi: – Jesus, que loucura. E ela te reprovou?

Mário (dá de ombros e sorri): – Não, passei direto. Acho que ela gostou do beijo!

Fabi e Rômulo seguem rindo da situação relatada.

Rômulo: – E assim nasceu a sua fama de armário.

Mário: – Sim, aí sabe como é, o pessoal começa a criar as histórias. E você desmente, e aí que a coisa cresce.

Fabi (faz um gesto de curiosidade): – O que você faz da vida hoje, Mário?

Mário: – Aproveitei a fama de armário e abri uma loja de móveis.

Rômulo: – Interessante. E qual o nome?

Mário: – O nome é Mário, aquele do armário. Compre antes que eu entre nele...

Fabi (faz um gesto de aprovação): – Criativo.

Rômulo: – Mas teve outra passagem no armário?

Mário: – Então, o Joãozinho teve a brilhante ideia de eu me esconder no armário e dar um susto na Patrícia, que seria aniversário dela. A mãe dela chegou cedo e colocou o bolo na secretaria. A ideia seria a gente roubar o bolo, colocar no armário e eu sair com o bolo para ela.

Fabi (com cara de preocupação): – Já vi que aí vai dar ruim...

Mário (desapontado): – Deu ruim sim.

Rômulo: – O que o Joãozinho aprontou?

Mário: – Pedimos para a Barbie, que era nossa parceira nas bagunças, entrar na secretaria e fingir que estava passando mal.

Fabi: – Essa Barbie aprontou bastante também, né?

Mário: – Ela era da zoeira mesmo.

Rômulo: – Mas e aí, qual foi o golpe?

Mário: – Todos correram para falar com ela que estava passando mal. O Joãozinho entrou abaixado e roubou o bolo. Corremos para a sala e fiquei dentro do armário com o bolo. Com fome, fui lambendo o bolo nas bordas.

Fabi (com uma expressão de desgosto e uma leve careta): – Ai que nojo e pena de quem iria comer.

Mário: – O Joãozinho falou para a Patrícia entrar no armário. E quando o pessoal fosse cantar os parabéns, ela abriria a porta e sairia triunfante. A bobinha acreditou e entrou no armário. Ao entrar, me encontrou lá. Ficamos nos olhando, ela me odiava. Dei o bolo para ela, olho no olho, bolo na mão, aniversário. Quando fui dar um beijo nela, ela me deu um tapa no rosto. (Mário faz um gesto de entregar algo e depois um gesto de ser surpreendido por um tapa). Na hora que o Joãozinho abriu a porta, o pessoal me viu recebendo um tapa, escorreguei e caí em cima dela. O Joãozinho correu e segurou o bolo. Ao cair por cima dela, aproveitei e dei um beijo na gata da escola. Ela

ficou chorando de raiva ao ver o Joãozinho em cima da mesa comendo o bolo dela e cantando parabéns, enquanto os amigos estavam rindo. A professora chegou e viu aquela algazarra, ela ali com o batom manchado. Então, eu saí correndo e o João ficou comendo bolo.

Rômulo: – E aí?

Mário: – Depois disso, a patricinha passou a me tratar bem.

Fabi: – Ficaram juntos?

Mário (faz um gesto de desânimo e de encolher de ombros): – Só às escondidas, ela tinha vergonha. Eu era pobre e ela rica, aí já viu, né...

Rômulo: – Então o Mário pegou a Patrícia? Nossa, essa nem o Joãozinho sabia! (Rômulo faz um gesto de surpresa com as mãos, enquanto Mário o olhou rindo).

Fabi: – E a professora?

Mário (com um sorriso sarcástico e malandro): – O armário era grande!

Todos então começaram a rir, e Mário se despedia de seus apresentadores.

Rômulo: – Obrigado, Mário, e não se perca mais no armário. (Rômulo faz um gesto de agradecimento e uma leve saudação).

(Aplausos digitais)

O Tribufu

Rômulo (com um gesto de espanto e curiosidade): – Nossa, estamos reinventando a quinta série e olha só que coisa, descobrimos muitos detalhes da famosa e temida série!

Fabi: – E o que eu tô vendo é que a 5ª série é uma grande fake news, a gente pensa uma coisa e, na verdade, é outra.

Rômulo: – Calma aí, minha amiga, pois agora vem a parte polêmica da quinta série e peço desculpas às mulheres, mas vamos entrar em assuntos meio preconceituosos. É que, na época, esse era o nome que era dado e queremos apenas rever essas ações e não multiplicar o preconceito.

Fabi (num gesto de expectativa): – Verdade, conhecimento é tudo. E quem vem agora?

Rômulo: – Então, agora um dos maiores traumas já criados na quinta série vem aí. A menina, e me desculpe, chamada de "tribufu".

Então, entra Shirley, que os cumprimenta e senta na frente deles. (Shirley acena com a mão e senta-se calmamente).

Rômulo: – Peço desculpas por te chamar por este nome, mas na quinta série você era chamada de "tribufu". Não apoiamos esse apelido, mas queria entender o motivo e o que aconteceu com você, e se isso gerou traumas na sua jornada de vida.

Fabi (com expressão de preocupação e um leve sorriso): – Desculpas, qual é o seu nome? Não quero te chamar por este apelido, pois isso é um apelido bullyano e não quero reproduzir essa ação.

Shirley (faz um gesto de tristeza e desapontamento): – Meu nome é Shirley e não tenho problemas de me chamarem de "tribufu" hoje. Mas quando você é uma menina negra na escola, sem dinheiro, sem roupa de grife, você se sente a pior pessoa do mundo quando os meninos olham para você e te chamam assim.

Rômulo: – Shirley, como nasceu esse apelido?

Shirley: – Bem, precisamos contextualizar essas ações. Primeiro que, na época dos anos 80, a televisão tinha uma força muito grande, principalmente algumas emissoras que ditavam o que seria debatido no país. Assim, novelas e séries dessas emissoras tinham como ação principal diminuir a presença dos negros na sociedade. A menina linda era a branca de cabelos lisos, e a loira era o modelo de beleza que deveria ser imitado. Nós, meninas negras, não tínhamos como imitar essa ação.

Fabi (num gesto de empatia): – Que triste.

Shirley (sorriu, demonstrando uma calma impressionante): – Lembro que eu queria ser paqueta da Xuxa e todos riam de mim, pois como ser uma paqueta sendo negra e meio gordinha? O padrão era de loiras e magérrimas.

Rômulo (com curiosidade): – E como isso influenciou sua vida na escola?

Shirley (num gesto de tristeza e de irritação): – Sair de casa já era um sacrifício, pois infelizmente o preconceito era grande e houve uma época em que eu não queria ir para a escola. Minha escola era pública e tinha de tudo: negros, mulatos, loiras, brancas, ruivas, etc. Mas um menino um dia olhou para mim e falou "nossa, que tribufu". Eu fiquei triste e então todos começaram a me chamar de "tribufu". Eu ficava com muita raiva. Na sala de aula alguns alunos falavam: "Gente, será que a tribufu tomou banho hoje? Olha o cheiro". Eu ficava muito triste.

Fabi: – E ninguém te protegia?

Shirley: – Sim, o Joãozinho era o único que nunca me chamou de "tribufu" e chegou a brigar com um menino que me chamou assim e colocou o pé na frente para eu cair.

Fabi (admirada): – Nossa, o Joãozinho era um herói anônimo mesmo.

Shirley (com respeito e admiração): – Sim, ele era um líder nato, só que a escola não o entendia. Ele era muito educado, só era brincalhão, mas nunca fazia brincadeiras que humilhavam as pessoas.

Rômulo (com olhar surpreso e de aprovação): – Uau, que legal o comportamento do Joãozinho.

Shirley (reflexiva): – Depois desse dia, fiquei dois dias sem ir à escola e não falei nada para minha mãe. Um dia, o Joãozinho foi até minha casa e falou algo que mudou a minha vida.

Fabi: – O quê? Uma piada nova?

Shirley (responde com emoção): – Não, ele era ótimo nas piadas, mas ele foi até minha casa e perguntou se eu queria realmente abandonar a escola. Ele parou, olhou para mim e me chamou para ver algo. Lá estava minha avó, com quase oitenta anos, fazendo panelas de barro. Olhei para ele e não entendi. Então ele falou algo que me fez cair em prantos.

Fabi: – Nossa, o que ele falou assim de tão importante?

Shirley: – Ele mostrou minha avó e falou: "Já pensou no que sua avó passou na vida para estar aqui hoje, com essa idade, e ainda trabalhando, cantando, sorrindo, sendo uma pessoa feliz?" Olhei para minha avó, que era uma pessoa super simples e muito honesta. Meus olhos já se enchiam de lágrimas e ele a chamou. Ela, sem entender, foi até ele, que sempre foi um menino querido no bairro. Então, Joãozinho falou para ela: "Dona Kandu, a senhora não estudou, por quê?" (Shirley faz um gesto de emoção e explicação). Minha avó, que estava cantando, parou de cantar e ficou um pouco triste, e eu mais ainda. Ela falou que, na época dela, negro não estudava em escola de branco e por isso ela nunca aprendeu a ler. Era a maior tristeza dela não entender as letras do alfabeto. E que o maior orgulho dela era ver a neta, ir para a escola dos brancos. Joãozinho sorriu para ela e perguntou: "Qual conselho a senhora daria para nós, os jovens?" Minha avó voltou a sorrir e falou: "Estudem, mas estudem tudo. Conheçam a lei dos brancos e dos homens e ajudem outros a crescerem também". Joãozinho a abraçou, deu um beijo na sua testa e ela saiu cantando pra lida, enquanto eu estava em prantos. (Shirley faz um gesto de tristeza seguido de um gesto de gratidão).

Rômulo (emocionado): – Que cena bonita.

Shirley: – Sequei minhas lágrimas e agradeci a Joãozinho pelo aprendizado.

Fabi: – Como assim?

Shirley: – Eu tinha vergonha de ser negra, então fui ao banheiro, fiz tererê no cabelo alisado a ferro na época. Peguei uma camisa branca e escrevi: "100% negra". Fui para a escola e, quando alguém me chamava de negra, eu olhava para a pessoa e falava: "Sim, sou 100% negra e me orgulho disso". (Shirley falou com determinação e orgulho).

Fabi: – Que lindo!

Shirley: – Várias meninas negras queriam a camisa e me pediram no recreio. Aproveitei e criei uma grife, mesmo sem saber o que era isso, e fiz as minhas camisas "100% negra" com frases de vários políticos e filósofos negros.

Fabi (num gesto de reconhecimento): – Então, você foi uma precursora do que viria nos anos 1990?

Shirley: – Sim. Depois vieram os Racionais MC's e, com eles, a valorização da cultura negra e o debate sobre não ter vergonha de ter sido escravizado. Quem tem que ter vergonha são os brancos, não os negros. Lembro de um show dos Racionais e o Mano Brown com uma camisa "100% negro" da minha grife e até chorei, a mensagem está nas ruas! A vida foi me levando e quando vi, estava com 21 anos e quatro lojas, vendendo minhas camisas com diversas frases. Uma camisa que fiz foi: "Não sou tribufu, tenho outra beleza". Foi algo muito importante para várias meninas, sendo a camisa que mais vendi até hoje. Agora sou empresária na área de confecção e minhas modelos

são quase todas negras, brancas, mulatas, algumas gordinhas, pois não temos preconceito. Pelo contrário, somos contra o preconceito e queremos todos como amigos e amigas.

Rômulo (com admiração e respeito): – Nossa, então um bullying que mudou a sua vida e, com certeza, a vida de vários jovens no país. Que coisa bonita, Shirley, e que exemplo de vida!

Fabi (se levanta e vai até a Shirley): – Preciso falar que você me representa e suas camisas me ajudaram na adolescência. Eu me achava gordinha e feia, e sua camisa "Eu me amo como eu sou" me ajudou muito. Obrigada! (Fabi abraça Shirley com força e emoção).

Rômulo (com um sorriso de celebração): – E mais uma vez desmistificamos a quinta série, mostrando que foi lá, na quinta série dos anos 80, que ajudamos a construir um mundo melhor e diferente para todos.

(Aplausos digitais)

A Romântica

Fabi (secando as lágrimas): – É muito bom ouvir essas histórias de vida.

Rômulo (sorrindo e gesticulando com entusiasmo): – Melhor ainda é saber que nos anos 80 tínhamos uma efervescência cultural muito grande.

Fabi concorda com um aceno de cabeça e um sorriso nostálgico.

Fabi: – Sim, muitas músicas que mudaram o mundo, além de pessoas que mostraram novos caminhos que trilhamos hoje, começaram na década de 80!

Rômulo: – Verdade. Mas também com tantas músicas da época: Legião Urbana, Paralamas do Sucesso, Titãs, Kid Abelha, Engenheiros do Hawaii...

Fabi, interrompendo com entusiasmo, levanta as mãos como se quisesse listar seus favoritos.

Fabi: – E os internacionais também! Queen com Freddie Mercury à frente, U2, os gatos do Guns N' Roses, Pink Floyd, o gato do Bon Jovi com seu estilo hard rock e hair metal, Dire Straits com Mark Knopfler, um dos maiores guitarristas do mundo. E sem falar na Madonna e no Michael Jackson. Nossa, e tantos outros...

Rômulo (com uma expressão de admiração): – Nossa, essa década de 80 tinha algo a mais, uma energia de revolta, de mudança.

Fabi (com um sorriso brincalhão): – E por falar em mudança, quem vem agora? Já acabou?

Rômulo (com um olhar misterioso e uma sobrancelha levantada): – Não acabou não, querida. Agora temos ela, a queridinha, a romântica.

Fabi (batendo palmas e rindo): – Ai, que coisa fofa! O amor está no ar...

Entra a romântica e soam aplausos digitais. Ela se senta, meio tímida, ajeitando a saia. Rômulo inclina-se para frente com um sorriso acolhedor.

Rômulo: – Oi, tudo bem? Como foi ser a romântica dos anos 80 na quinta série? E por que esse apelido?

Sabrina (sorrindo timidamente e mexendo no cabelo): – Oi, gente. Obrigada por me chamar. Fiquei tão feliz de terem lembrado de mim.

Fabi (inclinando-se curiosa e com um olhar carinhoso): – Como você lembra da romântica? E o que é ser romântica, querida? E qual o seu nome, pois meu amigo, como a maioria dos homens, sempre esquece de perguntar o nosso nome e vai direto para o que deseja.

Sabrina (sorri e informa seu nome): – Sei bem como são os homens que vão direto ao assunto. Eu me chamo Sabrina.

Rômulo fica sem graça e Fabi pisca para Sabrina.

Sabrina: – Sabe, eu nunca pensei nisso, que eu era romântica e os outros não. Cresci em um ambiente de muito amor. Meus pais sempre foram muito presentes e me deram amor até demais. E na escola eu adorava as figurinhas "Amar é..."

Rômulo (confuso, com as sobrancelhas franzidas): – O que era isso?

Sabrina (animada, gesticulando como se segurasse uma figurinha): – Elas eram pequenas ilustrações fofas de um casal, acompanhadas de frases doces e românticas. Cada figurinha mostrava um gesto simples de amor, como "Amar é... compartilhar um guarda-chuva" ou "Amar é... segurar a mão dele/dela durante um filme assustador", e assim por diante.

Fabi (suspirando com um sorriso encantado): – Que fofinho...

Sabrina (continuando com um brilho nos olhos): – Nós colecionávamos essas figurinhas com tanto carinho! Colávamos nos nossos cadernos, nas agendas... Era uma forma de expressar nossos sentimentos, de mostrar o que significava amar alguém. Era algo mágico, que hoje talvez seja difícil de entender com tantas tecnologias ao nosso redor.

Rômulo (balançando afirmativamente a cabeça): – Interessante e eu acho que pelo que você explicou era como se fosse uma rede social da época? Ver essas figurinhas, mostrar para os amigos e trocar com outros. Não seria algo assim?

Sabrina (rindo): – Mais ou menos isso, sim.

Rômulo (curioso): – E isso te ajudou no amor?

Sabrina (suspirando profundamente): – Pior que não.

Fabi (leva um susto): – Como assim, gata?

Sabrina: – Eu amava essas figurinhas e ficava sonhando em um dia conhecer um menino romântico que me amasse de verdade.

Rômulo (com um sorriso maroto): – E conseguiu?

Sabrina (balançando a cabeça tristemente): – Então, na verdade não.

Fabi (surpresa): – Por que, menina?

Sabrina (com um olhar pensativo): – Pois na época foi o começo do 'ficar' e as pessoas só queriam 'ficar', que era algo como beijar na boca e ir embora. Eu não queria uma pessoa só para beijar na boca e ir embora, queria ter um sentimento com a pessoa, e isso foi frustrante naquele tempo.

Fabi (inclinando-se curiosa): – E o que você fez então?

Sabrina (respirando fundo novamente): – O que qualquer pessoa faria, fiquei sozinha. E essa solidão me ajudou, pois comecei a ver que eu idealizei um amor que não existia. Eu amava a ideia de amar, o conceito de amor. E assim fui vendo como a vida era cada vez mais superficial e fui ficando deprimida.

Fabi (com uma expressão triste): – Que pena...

Sabrina (com um olhar sério): – No auge da minha depressão sobre o amor, vi que o amor estava morto.

Rômulo (olha para Fabi e sorri de leve): – Eu concordo!

Fabi olha para ele com olhar surpresa e volta-se para Sabrina.

Sabrina (explicando com gestos): – As pessoas não se amam, elas têm medo da solidão na adolescência. Acham que transando ou ficando vão superar e acabar com esse medo de se ver e se admitir sozinhas. Medo de se verem como são, seres ainda em formação que vão viver momentos de tristeza, momentos de solidão, momentos de felicidade e isso não precisa ser todo dia.

Fabi (acenando com a cabeça): – Interessante saber que não precisamos de ninguém para ser feliz.

Sabrina: – Assim, fui vendo que na adolescência a gente perde muito tempo falando e criando traumas por causa do amor. A TV e agora as redes sociais criam uma ilusão de que precisamos ser felizes o tempo todo e isso não é verdade. E foi por isso que escrevi o livro "**O Fim do Amor é o início para se encontrar**".

Rômulo (com um sorriso de surpresa): – Nossa, mais uma escritora!

Fabi (curiosa): – Mas como assim "O Fim do Amor"?

Sabrina (explicando com paixão): – Então, nós mulheres temos mais esse problema com o amor, já os homens nem tanto, eles têm problemas em relação a posse deste amor. Desde que nascemos, a

sociedade nos empurra uma variedade de leis que são criadas socialmente, os signos que incorporamos de forma direta ou indireta. O amor é um desses signos que colocam nas garotas a ideia de que precisam ser românticas, casar e ter filhos, e que se você não conseguir isso antes dos 30 anos, você seria uma fracassada. E eu comecei a ver que não é bem assim. Na adolescência, seria lindo que os jovens aprendessem a se amar e a conhecer como funciona a sociedade. Somos frutos e vítimas de signos recriados por uma elite que não quer que a gente pense, apenas concorde sem questionar. E o que é o amor hoje? Essa ideia de que tem que amar e ser amado, tira a paz de vários jovens, sem falar no feminicídio e nos homens que têm a ideia de que a mulher é um patrimônio deles.

Fabi (olha para Rômulo, sorri e volta-se para Sabrina com um olhar de admiração): – Que legal a sua jornada!

Sabrina: – Quero acabar com essa ideia que colocam na cabeça dos adolescentes, de que a menina precisa de alguém, de um amor romântico, de que a mulher vai casar e ser feliz. Isso não é vida real.

Fabi (olhando para Rômulo): – Concordo!

Sabrina (com uma expressão séria): – Na prática, essa mulher que fica romantizando, casa por amor e não estuda, vai ser o que no futuro? Dependente financeira e emocional de seu marido? A mulher precisa estudar, se empoderar, ter o seu dinheiro, ser emocionalmente equilibrada, e decidir sobre a sua vida e o seu corpo.

Fabi (acenando com a cabeça): – Nossa! Que legal!

Rômulo: – Você lançou o livro "Sem Amor". É disso que se trata? Que o amor morreu?

Sabrina (balançando negativamente a cabeça): – O amor não morreu. O que morreu é essa ação piegas de pensar que sem a pessoa amada você não vive. Vive sim, e muito bem. O amor deve fortalecer a vida dos dois e não escravizar uma pessoa à outra.

Fabi: – Que demais isso que você disse...

Rômulo (agradecendo): – Obrigado, Sabrina, pelo seu empenho em conscientizar as pessoas sobre um amor racional e não romântico e maluco.

Sabrina se levanta, aplausos digitais soam, enquanto elas se abraçam e Rômulo fica observando a cena.

O Macumbeiro, a Crente e o Padreco

Rômulo (olhando para a câmera): – Estamos na reta final, Fabi.

Fabi (com um sorriso largo): – Nossa, quantos ensinamentos hoje no nosso podcast e quantas aprendizagens!

Rômulo: – Agora vamos para um lado mais inesperado.

Fabi (erguendo as sobrancelhas): – Como assim?

Rômulo: – Serão três entrevistados que criaram uma marca a partir dos traumas dos anos 80.

Fabi (curiosa): – Nossa, quem são?

Rômulo: – Os religiosos: o macumbeiro, o padre e a crente ou, melhor dizendo, a evangélica. Podem entrar!

Os convidados entram e se sentam à frente dos entrevistadores.

Fabi (surpresa): – Nossa, ídolos do preconceito! Como vocês conseguiram sobreviver tanto tempo juntos?

Rômulo: – Mas antes, poderiam se apresentar, para o público saber quem são?

Padre Alberto (fazendo o sinal da cruz): – Claro, meu nome é Padre Alberto.

Pai Zeca Mandingueiro (com um sorriso sereno): – Eu sou o Pai Zeca Mandingueiro, do quilombo Pedra Rachada.

Pastora Bia Luz (acenando com a cabeça): – E eu sou a Pastora Bia Luz, pois a luz brilha.

Rômulo: – E como vocês se juntaram?

Pastora Bia Luz (sorrindo e apontando para os outros): – Acho melhor eu explicar, pois esses dois são muito enrolados.

Fabi (rindo): – Meninos... sempre enrolados.

Pastora Bia Luz (ficando séria): – Quando estávamos na quinta série, sofremos o mesmo trauma: amar nossa religião e sermos discriminados pelos amigos da escola por isso.

Pai Zeca Mandingueiro (interrompendo): – Ou Oxalá.

Fabi: – E vocês convivem bem com as diferenças?

Pai Zeca Mandingueiro (olhando para Bia Luz): – Agora eu complemento. Posso, pastora?

Pastora Bia Luz (sorrindo e consentindo): – Pode, vá em frente.

Pai Zeca Mandingueiro: – Na quinta série, cada um sofria sozinho e calado. Era algo muito chato. Tínhamos que concordar e sofrer até que Deus nos uniu em uma missão divina.

Padre Alberto (interrompendo com um sorriso): – Não foi bem assim, irmão.

Rômulo: – Como foi então, padre?

Padre Alberto (sério): – Com o preconceito, cada um na sua área, ficávamos no intervalo sem brincar, só queríamos estudar sobre Jesus, cada um na sua ótica. Então, começamos a ler a Bíblia juntos.

Pai Zeca Mandingueiro (sorrindo): – E o Livro dos Espíritos também.

Padre Alberto (concordando): – Verdade, e cada um explicava para o outro o ponto de vista de sua religião.

Fabi: – Que legal!

Pastora Bia Luz (rindo): – Aí, os dois bobões se apaixonaram por mim.

Fabi ri, colocando a mão na boca.

Pastora Bia Luz (séria) - E eu, como evangélica ou "crente", como era chamado na década de 1980, não podia beijar ninguém, só com quem eu fosse casar.

Padre Alberto (com um olhar acusador para Pai Zeca): – E aí esse macumbeiro fez uma mandinga e ficou com Bia.

Pai Zeca Mandingueiro (defensivo): – Deixa de ser recalcado, não foi mandinga, foi amor. Pior foi você, que rezou para Santo Antônio, deixou ele de cabeça pra baixo e roubou ela de mim!

Fabi: – Calma aí, pessoal. Está ficando confuso isso. Ela ficou com os dois?

Pastora Bia Luz (com um sorriso malicioso): – Sim.

Rômulo: – Em meses diferentes, né?

Padre Alberto (balançando a cabeça): – Não, ela ficou com a gente ao mesmo tempo.

Fabi (chocada): – Que moderno! Como era?

Pai Zeca Mandingueiro (rindo): – Era assim: segunda e quarta ela ficava comigo; terça e quinta com o Padreco; sexta, sábado e domingo com Jesus.

Rômulo olha para Fabi, ambos com expressão de perplexidade.

Rômulo: – E tudo bem na relação?

Pastora Bia Luz: – Então, o começo foi complicado, mas quando eu engravidei, a coisa melhorou. Pois foi uma mensagem de Jesus para mim.

Pai Zeca Mandingueiro (sorrindo): – Foi uma bênção da mãe Oxum.

Padre Alberto (sério): – Ninguém usava camisinha naquela época, essa é a verdade.

Fabi: – E depois, o que aconteceu?

Pastora Bia Luz: – Aí, quando engravidei e meus pais não aceitaram, tivemos uma reunião e decidimos que nós três iríamos ficar juntos.

Padre Alberto (sério): – E sem grana, começamos a nos organizar, cada um na sua religião, já que os nossos pais nos expulsaram de casa também. Ficamos na garagem da casa da minha avó.

Pastora Bia Luz (sorrindo): – O Pai Zeca sustentava a casa com as consultas.

Padre Alberto (rindo): – Eu ainda não era padre, né? Como ia ganhar dinheiro?

Pastora Bia Luz: – Então, abrimos uma igreja e o problema foi o nome que iríamos dar.

Rômulo: – Agora estou curioso, qual o nome da igreja que vocês fundaram?

Pastora Bia Luz (orgulhosa): – Tinha que ser uma igreja que juntasse todas as três religiões, então fundamos a Igreja Católica, Evangélica e Umbandista do Décimo Terceiro Dia de Jesus.

Fabi (sorrindo): – Nossa, que nome pomposo!

Pai Zeca Mandingueiro: – Com a igreja, cada um tinha seu tempo: de manhã era a Bia com os cultos evangélicos, à tardinha o Padre rezando e à noite eu com o terreiro de umbanda.

Rômulo: – Os três ao mesmo tempo na mesma casa?

Pastora Bia Luz (sorrindo): – Sim, e foi uma ótima ideia.

Rômulo: – Mas, pera aí, a criança nasceu?

Pastora Bia Luz (sorridente): – Sim, gêmeos!

Fabi (boquiaberta): – Jesus!

Padre Alberto (rindo): – Sim, Jesus ajudou. Nasceu um branco e um mulato, então cada um batizou seu filho.

Pai Zeca Mandingueiro (orgulhoso): – Sim, o meu é o mais bonito e esperto.

Padre Alberto e Pai Zeca se olham com desconfiança.

Pastora Bia Luz: – Aí criei esse nome, Bia Luz. Depois, cada um foi estudando na sua área... e estamos juntos desde então, com nossos filhos, em uma união estável a três.

Fabi (emocionada): – Realmente foi um milagre!

Rômulo: – E a igreja ainda existe?

Padre Alberto (sorrindo): – Ampliamos, agora temos um site com consultas online do macumbeiro ali, com a pastora, e criamos uma confissão online comigo. Algo moderno e inovador. Até extrema unção podemos fazer online.

Rômulo (surpreso): – Como é que é?

Pastora Bia Luz: – E compramos uma rádio e há 10 anos estamos com a Rádio e TV Jesus 3-E.

Fabi (surpresa): – Sério? Eu conheço, ela é maravilhosa, é de vocês?

Pastora Bia Luz (sorrindo): – Sim!

Rômulo: – O que significa o 3-E?

Padre Alberto: – Ainda bem que ninguém pergunta isso na igreja (risos), mas 3-E significa: Espiritualista, Espírita e Evangélico.

Rômulo: – Nossa, que demais!

Fabi: – Estou boquiaberta.

Rômulo: – Parabéns pela coragem e pela mudança! Três pessoas que eram discriminadas nos anos 80 agora são empresários da religião. Parabéns!

Eles saem, e Rômulo olha para Fabi.

Rômulo: – Bem, Fabi, teríamos muito mais para compartilhar, mas acredito que por hoje está bom. Conhecemos muitos ícones da antiga quinta série, que eram o terror das escolas do Brasil.

Fabi (sorrindo): – Fiquei feliz em conhecer de perto esses mitos e ver como eles mudaram e conseguiram refazer suas vidas com muita garra.

Rômulo: – Verdade. (Rômulo olha fixo para a câmera). E você que está nos escutando, passou pela quinta série? Conheceu alguns destes mitos?

Fabi (também olha para a câmera): – Fala pra gente, qual desses entrevistados te chamou mais atenção?

Rômulo: – O próximo programa vai ser bombástico também.

Fabi (curiosa): – Vai ser sobre o quê?

Rômulo (rindo): – Por que nas festas as meninas falavam "me espera que vou no banheiro e já volto" e nunca voltavam? Sumiam! Tem gente defendendo que tinha um portal mágico no banheiro das festas.

Fabi (rindo): – Tinha mesmo, chamado "Simancol"!

Rômulo: – Tchau, gente. Até a próxima!

Fabi: – Beijos e fiquem com Deus!

FIM